

## Conclusões do Eixo 4 – Educação e Tecnologias Digitais

### Síntese das comunicações relativas ao Eixo 4 – Educação e Tecnologias Digitais. Aprendizagem, escuta e a tomada de palavra

Por **Eunice Macedo & João Caramelo** (Comentadores do Eixo 4)

*CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*

Este é um texto escrito a duas vozes e que cruza, portanto, dois olhares, por vezes partilhados outras vezes, não. Quando assim é, nesta busca de escrita em diálogo, cada um dos autores apresenta a sua perspetiva. Este comentário-síntese é também a possibilidade de manter a interlocução com as e os colegas a quem escutámos e com quem debatemos, e a quem neste exercício regressamos para dar conta das ressonâncias que os seus trabalhos produziram em nós.

E: Tal como o I seminário CAFTE – Currículo, Avaliação, Formação e Tecnologias Educativas, o II foi repleto de desafios e estímulos, como momento particular para pensar os temas em foco e como fórum de debate, que deu sentido e trouxe ânimo à vida na academia. Quando fui desafiada a moderar sessões de comunicações paralelas no Eixo 4. Educação e tecnologias digitais, pensei ‘Só por graça! Devem pensar que tenho muito a aprender com isto!’. Não sei se foi essa a intenção, mas, claramente, foi esse o efeito da escuta atenta a um conjunto de comunicações que claramente me tiraram da minha zona de conforto e me abriram novos horizontes.

J: Plenamente de acordo. Ao longo de dois dias, em três sessões, pude escutar, debater e aprender com um conjunto muito diverso de comunicações, com relatos de trabalhos de pesquisa e de intervenção que se encontram em curso no Brasil e em Portugal. No meu caso, e uma vez que, na edição anterior do CAFTE, desempenhei esta mesma função em painéis que se debruçavam sobre a mesma temática, foi interessante reconhecer novos olhares e novas problemáticas que estão a merecer a atenção ao nível da pesquisa em educação, no caso incidindo nas articulações entre tecnologias digitais e educação. Ou seja, se à partida há uma nota que destacaria do conjunto das intervenções que escutei essa terá de ser a da diversidade e heterogeneidade dos cruzamentos possíveis entre Tecnologias digitais e Educação.

E: A participação de pessoas de vários países, com olhares disciplinares, e experiências bem como nacionalidades muito diversas, foi um elemento enriquecedor que transformou o CAFTE numa ode à diversidade abrindo caminho a múltiplas aprendizagens culturais e relacionais e proporcionando a exposição a experiências pedagógicas e investigativas que geraram alguma estranheza, por exemplo, pela falta de familiaridade com os contextos, e estimularam a curiosidade, particularmente pelas estratégias criativas escolhidas pelos investigadores/ educadores para provocar e conseguir educação.

J: Por entre essa diversidade creio que concordaremos que algumas temáticas e preocupações se foram destacando. Sem qualquer intenção de hierarquização da sua importância, começaria pela da integração de tecnologias digitais como conteúdo e como recurso no contexto da formação inicial de professores (e, por extensão, no contexto do ensino superior) (cf. por ex. a comunicação de Nayara Silva sobre a formação de professores de espanhol; Amílcar Figueiroa Santos sobre formação de professores de língua materna; Mânia Maia sobre formação de professores de Educação a Distância...); ou seja, problematizou-se como a literacia digital de futuros educadores se converteu hoje numa questão incontornável para as instituições de formação e que não pode apenas ser lidada como uma questão “técnica” de aprendizagem do “uso” de ferramentas digitais sem que este seja integrado na discussão quer do seu “sentido” formativo, quer dos desafios da sua (futura) mobilização pedagógico-didática. Não obstante, pareceu-me que embora estas preocupações pontuem as práticas de formação, e se constituam em objetos de projetos que articulam investigação e formação, não estão ainda completamente enraizadas institucional e transversalmente nos projetos e políticas das instituições de formação de profissionais da educação.

De igual modo, ficou evidente como a tendência para a incorporação de tecnologias digitais nas práticas educativas em diferentes subsistemas (da educação fundamental/básica ao ensino superior (cf. por ex. a comunicação de Ithayse Lins), passando pelo ensino médio/secundário), tem levado também a equacionar os processos de socialização profissional de professores em exercício, tomando em consideração as suas experiências e percursos pessoais e profissionais e, em particular, os diferentes momentos da carreira em que se encontram (cf. por ex. a comunicação de Ana Cristina Torres) que, ora os constituem como “nativos digitais”, ora os impelem a processos de “migração digital” que se confrontam com “crenças pedagógicas” instaladas. Estas condições muito diversas de relação e de familiaridade com as tecnologias digitais suscitam, portanto, a necessidade de equacionar modelos e práticas de formação continuada no contexto de trabalho que sejam capazes de estabelecer pontes com saberes experienciais e práticas profissionais prévias e os novos desafios das tecnologias digitais, fazendo-o em condições securizantes e profissionalmente solidárias.

Na minha leitura houve ainda outras preocupações que atravessaram as intervenções, tal como a das possibilidades de recontextualização curricular e pedagógica (ou a intencionalização educativa) e o reconhecimento do potencial educativo de processos de uso de ferramentas digitais originalmente desenvolvidos fora do campo educacional (cf. por ex. as comunicações de Silvana Salomão; Ithayse Lins; Mariana Rodrigues e Hugo Santos). A título de exemplo, merecem-me destaque as reflexões que incidiram nos esforços de desenvolver processos de ensino aprendizagem que tomam o jogo como inspiração (“game-based learning”) ou que visavam compreender os efeitos educativos e ao nível da participação cívica e política do uso de “jogos sérios”.

Apreciei igualmente os contributos que nos trouxeram aproximações aos sentidos e significados de tecnologias digitais para alunos/estudantes e formandos em contextos educativos formais e não formais (p. ex. as comunicações de Ana Machado; Carmem Dourado e Murillo Alencar) e suas articulações com processos de inclusão digital e social, enfatizando-se aí o modo como as dimensões relacionais e as sociabilidades geradas em torno do uso educacional intencional de ferramentas digitais constitui um elemento imprescindível ao reconhecimento das suas potencialidades educativas e de integração social. Finalmente, destacaria ainda as comunicações que incidiram especialmente na problematização das tecnologias digitais como mediadores na comunicação entre culturas e como elementos materiais e simbólicos partícipes da

construção de identidades pessoais e de grupo (por exemplo de culturas juvenis (alunos) e culturas adultas (professores); como mediadoras entre culturas “globais” e culturas locais, entre culturas “étnicas”, culturas linguísticas) (cf. p. ex. comunicação de Lian Huan) ou entre culturas profissionais no interior de espaços escolares (como por ex. entre professores “veteranos” e professores “iniciantes”, de que a intervenção de Ana Cristina Torres foi muito significativa).

E: Sendo os trabalhos apresentados, fortemente articulados a experiências concretas e reveladores do muito que grupos e indivíduos estão a fazer em espaços particulares de intervenção e investigação, senti, por vezes, a falta de abordagens mais contextuais que passassem por uma partilha e reflexão sobre as desigualdades sociais e outros aspetos de falta de justiça que, frequentemente, informam as experiências educativas. Para além disso, admito que em alguns casos me surpreendeu alguma tendência de polarização entre uma escola convencional, que surgiu muitas vezes diabolizada e uma inovação curricular endeusada como solução para todos os males que afetam o campo educativo, o que nem sempre, em ambas as posições, corresponde à realidade. Gostaria, pois, em alguns casos, de ter testemunhado uma maior complexificação, a qual, nem sempre emergiu nas apresentações, mas surgiu, com frequência, nos debates quentes e apaixonados com que se concluíam as sessões, em que cada pessoa tomava a palavra e assumia a sua voz.

J: Concordo. Pessoalmente, retirei também destas intervenções a imprescindível integração das ferramentas digitais em ecossistemas de aprendizagem coerentes - ambientes educativos que se geram e gerem na continuidade entre políticas institucionais, projetos educativos, práticas profissionais e ferramentas digitais – e que permitem uma relação mais frutuosa entre ação educativa e produção de conhecimento sobre a mesma (cf. por ex. a comunicação de Amílcar Figueiroa; de Bento Cavadas; de Daniela Diesel). Em minha opinião, esta abordagem integrada é que nos permitirá superar uma perspetiva que tem sido dominante para equacionar as vantagens das tecnologias digitais e que valoriza estritamente uma lógica de multiplicação incontrolada do acesso a informação, sendo indutora de uma falsa sensação de saber e conhecimento (como sugeriu Carmen Dourado de forma muito pertinente na sua comunicação).

E: Gostei do estilo questionador e do rigor de muitos trabalhos e senti-me particularmente entusiasmada por aqueles que foram capazes de transgredir a norma e navegar na riqueza da implicação pessoal.

J: Sim, no meu caso fui especialmente tocado pela tónica transversal das várias comunicações num uso cooperativo/colaborativo das tecnologias digitais na aprendizagem (entre pares, na relação educativa entre professor/formador e estudante/formando...) por contraponto à oportunidade solitária de aprendizagem em qualquer lugar e momento que certos discursos sobre o uso das tecnologias digitais em educação tendem a enfatizar; esta preocupação parece-me pessoalmente particularmente relevante ao enfatizar uma conceção do processo educativo como um processo nuclearmente relacional, de relação com o saber, e mediada pela relação com outros significativos.

E & J: Foi, pois, uma experiência que valeu a pena e... contem connosco para a próxima! Parabéns à equipa.